

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
28 de setembro de 2024

A FUGA / 1977

Um filme de Luís Filipe Rocha

Realização: Luís Filipe Rocha / Argumento: Luís Filipe Rocha e Arnaldo Aboim / Direcção de Fotografia: João Abel Aboim / Música: Buenaventura Melo / Som: Carlos Alberto / Montagem: Helena Batista e Luís Filipe Rocha / Interpretação: Luís Alberto, José Viana, Miguel Franco, Carlos César, Maria do Céu Guerra, Costa Ferreira, Carlos Gonzalez, Luís Couto, Teixeira da Fonseca, Henrique Espírito Santo, Luís Barradas, Edgar Marcelo, etc.

Produção: Prole Filme – Cinequipa – RTP – IPC / Director de Produção: Henrique Espírito Santo / Cópia: DCP, preto e branco, falada em português / Duração: 109 minutos / Inédito comercialmente.

A FUGA é apresentado com O SEGREDO (“folha” distribuída em separado)

projeção seguida de conversa com Edgar Feldman, Luís Filipe Rocha e José Pacheco Pereira

Luis Filipe Rocha estreou-se na realização com o documentário **Nós no País**, e dirigiu a seguir **Barronhos – Quem Teve Medo do Poder Popular?** (ainda um documentário) e **A Fuga** (a primeira experiência de Rocha na ficção). Como boa parte da produção portuguesa desses anos, são filmes que se inserem num contexto directamente influenciado (e permitido) pela revolução de Abril de 1974. Trata-se de um período em que o cinema português praticamente se mobiliza em torno do momento histórico vivido, quer tentando ser dele uma parte activa (ou seja, “militante”), quer ensaiando uma distância mais propícia à análise e mais direccionada para o passado, tanto mais que a censura enfim erradicada já não era obstáculo à abordagem de tudo o que, antes de 74, não se podia mostrar nem nomear. São anos “acelerados” no cinema português, como se este tentasse, com toda a rapidez possível (simbolizada também pelos curtos prazos com que muitos filmes foram feitos), pôr-se a par com o tempo e com a História, ajustar contas com o passado, desenterrar fantasmas para os esconjurar.

A Fuga é um filme de “recuo”, tenta construir uma visão minimamente analítica do passado recente terminado em Abril de 1974. Mesmo que, como também é uma “marca do tempo”, a análise não implique a eliminação radical de uma leitura entusiasmada da revolução (e dos seus efeitos): é ver, por exemplo, o preâmbulo semi (ou totalmente) alegórico de **A Fuga**, o “travelling” da cela para a liberdade, da escuridão para a claridade.

Fiel ao propósito analítico, preciso e parcelar, **A Fuga** aborda uma situação concreta: o encarceramento dos presos políticos. Dir-se-ia até que, pelo menos à luz da distância com que o vemos hoje (47 anos depois), são menos importantes as circunstâncias contextuais (os fundamentos factuais, verídicos, da evasão narrada, e a narrativa da evasão propriamente dita) do que essa concentração em torno de uma situação (o encarceramento) e de um lugar (o forte de Peniche) precisos. Em termos descritivos, são estes os dois vectores fundamentais do filme.

O lugar, porque, logo à partida, não vinha isento de conotações nem de assombrações, muito menos de conotações e assombrações despiciendas. Bem pelo contrário, era um dos lugares mais emblemáticos da repressão do Estado Novo, um “símbolo”. Essa dimensão passa, obviamente, em primeiro plano no filme, mas este não se esgota na dimensão “simbólica” – o forte de Peniche é filmado em toda a sua materialidade de lugar real, reconstituído na sua condição de edifício-prisão. Pouco importa saber se Luís Filipe Rocha inventou muito, pouco ou nada no seu tratamento daquele espaço concreto; importa, isso sim, que construiu **A Fuga** como um filme totalmente centrado num espaço determinado, como se o filme se pretendesse, em primeiro lugar, uma espécie de “levantamento” arqueológico da prisão de Peniche. E este fosse, em última análise, o verdadeiro protagonista do filme, ou pelo menos um protagonista tão importante quanto as principais personagens humanas.

Por outro lado, a situação, o encarceramento. A lógica mantém-se (e se o filme se chama **A Fuga**, durante três quartos do seu tempo podia perfeitamente chamar-se “a prisão”, isto se os títulos dos filmes tivessem que ser a descrição exacta do que mostram), e mais do que um conjunto de peripécias, mais do que uma “narrativa” (que existe, mas acima de tudo como elemento estrutural), o que está em causa é a descrição, ou mais exactamente a reconstituição, de um mecanismo repressivo. É isso que se vê na maneira minuciosa como o filme apresenta as rotinas da prisão, os códigos de comportamento, o “regulamento” tantas vezes evocado, as formas mais ou menos sibilinas de condicionamento de comportamentos (a imposição de uma rotina absoluta e inescapável) e da expressão (a censura exercida sobre as cartas para a família, por exemplo). Por este carácter descritivo de um mecanismo de controlo e repressão do indivíduo, **A Fuga** é um filme que se podia perfeitamente aproximar do célebre **Szegenylegenyek (Os Oprimidos)**, do húngaro Miklos Jancsó.

Luís Miguel Oliveira